

O mestre

O mestre era um verdadeiro artista da batuta. Nas suas mãos aquele delicado objeto tornava-se algo falante que dava vida aos movimentos. Sem adornos ou extravagâncias o mestre imprimia a sua alma nas feições do rosto tornando a linguagem musical uma força viva que impressionava os próprios músicos.

Dotado de uma inteligência e cultura raras para o tempo, o mestre tinha o dom da oratória, usando ora frases idílicas e apaixonantes, ora atirando com expressões metaforicamente selvagens que enchiam de vergonha algumas almas mais recatadas. Assim, não admirava que os ensaios fossem fortemente concorridos pela população de Mateus. Na sua dialética e nos seus pensamentos tantas vezes filosóficos, o mestre dissertava sobre os compositores e obras que dirigia, despertando nos músicos o sentido exato do que estavam a tocar. Ele era homem de rigor e de trabalho. Nas saídas da banda, preocupava-se pelo bem-estar de todos os músicos, mas sobretudo pelos mais novos e indefesos, chegando a dar dinheiro do seu bolso para que pudessem satisfazer as insinuações e doidices de raparigas inebriadas pelos apetites do corpo.

Numa festa em Sonim, mestre Ilídio não fica indiferente a uma cena amorosa...um jovem músico olha circunspecto para uma bonita rapariga. As formas dela são, aos olhos do músico, lascivas com proeminência de peitos. A imaginação dele vai longe, longe e dentro da sua inocente cabeça entrevê uns mamilos eretos e seguros. Mestre Ilídio aproxima-se e mete os dois à conversa. Esse foi o princípio de um romance forte para um dia em cheio. O músico, para agradar à donzela confessou, no dia seguinte, inventar uma forte indisposição para assim não tocar e estar disponível durante todo o dia trocando palavras e olhares com aquele rosto enfeitado de beleza. Mestre Ilídio soube logo o que ia na alma do jovem e passados alguns dias disse ao músico que também já tinha passado pelo mesmo: “o coração é que nos comanda...”

Diante da banda, a sua energia agigantava-se criando uma química que entusiasmava os músicos e o povo que o aplaudia; discretamente agradecia ao mesmo povo, olhando para os músicos num olhar meigo e fraternal como que a devolver-lhes os aplausos que eram, afinal de todos.

Um homem de contrastes e de emoções repentinas; era forte de convicções e exigente, ao mesmo tempo afável e infinitamente amigo. Os ensaios eram exigentes e exaustivos, terminando muito para além do tempo recomendável. Os músicos compreendiam-no, embora, perante algumas expressões mais fortes e grosseiras desabafassem entre dentes:” irra prá besta... o Galado ia mais longe:” a cara da criatura parece as ventanas dum porco...”...mas no fundo compreendiam-no e respeitavam-no.

Num ensaio mais participado, e perante uma obra de grandes dificuldades técnicas, o mestre Ilídio, ataca impiedosamente as trompas que não tocavam como ele queria;

mandou parar a banda...a sua postura impôs em toda a sala um silêncio que regelava. E demorando-se nas palavras gera grande expectativa... por instantes apenas um galo da Marucas se ouvia... O mestre explicou:” imaginem suas trompinhas de caca, suas cavalgadas assanhadas ... Esta melodia deve sugerir-vos um rio calmo e perfumado onde deslizam flores bonitas e não um monte de esterco a cair sobre vós...” Continuando: “E vocês, seus burros, estão a tocar como se o rio estivesse coberto de trampa mal cheirosa...” Perante tais palavras, os músicos atingidos tapavam-se de vergonha com os instrumentos ou faziam de conta que não ouviam... Noutra ocasião, ele atacou novamente um músico (pai de doze filhos) porque não tocou como ele queria. Sargento Ilídio, bruscamente pára e soletra vagarosamente: “Ouça lá seu músico de meia tigela, deixe de grasnar e toque música. Neste pequeno espirro de palavras perpassa no mestre um halo de ressonância exacerbado que põe em pé os poucos cabelos do músico atingido.

Este mestre teve no entanto a sorte de reunir nas suas fileiras um elenco notável de músicos...

Numa das suas últimas atuações, na festa de Abambres, estavam nove trompetistas...Joaquim do Pinto, António Larica, Rogério Claudino, seu irmão Diamantino, Cardão, (entre outros...) era uma montra com classe que punha as outras bandas em sentido.

Um ano depois de se ter retirado, por motivos de doença, o mestre Ilídio chorava como uma criança na festa da Senhora da Pena, escondido na dor e na saudade... ouvir a sua banda debaixo do coreto, sentir o pulsar de tantas emoções era o mesmo que recordar toda uma vida de sensações e alegrias, que, agora bem sabia, estavam a declinar para uma morte implacável e breve.

Morreu em 24 de Dezembro de 1965, em Chaves. No seu funeral estiveram representados músicos de muitas bandas do distrito de Vila Real. No cortejo fúnebre, a Marcha nº 3 de Chopin, soava triste e lancinante como nunca se tinha ouvido. Naquele dia, os trovões rugiam assustadores. Os relâmpagos e o metralhar de espingardas reforçavam a dor estampada em todos os presentes.

Rajadas de vento e frio, não impediram que muitos dos seus músicos de Mateus se despedissem do mestre quando o caixão desceu à terra fria. Um músico junto à cova desabafa:” Sargento Ilídio, a Banda de Mateus, nunca o irá esquecer...”